

A presença de protagonistas surdas na dramaturgia e no estilo de séries ficcionais¹

Amanda Azevedo²

Universidade Federal da Bahia, Salvador (BA).

Resumo:

O artigo discute as transformações nos sistemas de produção seriados com a participação de pessoas com deficiência, que gradativamente estão ganhando mais visibilidade. Delimitamos esse estudo sobre os personagens surdos, que devido a dupla categorização de pessoas com deficiência e membros de grupos minoritários, ao compartilhar a língua de sinais e uma experiência de mundo visual, complexifica os modos de produção, trazendo novos desafios. O objetivo é discutir sobre os personagens surdos em lugar de protagonismo, para entender como a língua de sinais é envolvida na dramaturgia, quais agentes são responsáveis pela criação das obras e os aspectos estilísticos. Adotamos uma abordagem descritiva de três séries de ficção com protagonistas surdas: *Switched at Birth* (2011), *Crisálida* (2019) e *Echo* (2024), analisando trechos do primeiro episódio.

Palavras-chave: Estilo; Linguagem Audiovisual; Pessoas com deficiência; Surdez, Teledramaturgia.

1. As transformações nos sistemas de produção seriados

Nas últimas três décadas a digitalização e os modelos de negócios nos meios audiovisuais fragmentou a audiência em públicos de interesse, esse aspecto alterou os modos de produção e o comportamento das empresas no mercado, proporcionando novas experiências narrativas. Para atender a demanda de diferentes públicos, a equipe de criação passou a ser mais diversificada, com temáticas mais amplas associadas à diversidade cultural.

Apesar desse avanço, a indústria ainda enfrenta desafios para a inclusão de pessoas com deficiência, um dos grupos menos representados nas telas. Os relatórios “*Employment of Actors with Disabilities in Television*³ (2016)” e “*Hollywood*

¹Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na etapa remota de 27 a 29 de agosto de 2024.

²Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Membro do grupo de pesquisa A-Tevê Laboratório de Análise de Teleficção. Pesquisadora ouvinte que investiga acessibilidade e inclusão no audiovisual. E-mail: amandaazevedo@ufba.br O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

³ Ruderman Family Foundation. ON EMPLOYMENT OF ACTORS WITH DISABILITIES IN TELEVISION. Disponível em: <https://www.rudermanfoundation.org/wp-content/uploads/2016/07/TV-White-Paper_final_final_.pdf>

*Diversity*⁴ (2023) apontam a necessidade em aumentar os personagens com deficiências em filmes e séries.

A Apple +, Disney + e Netflix, os maiores players da indústria⁵ estão disponibilizando as tecnologias assistivas e os recursos de acessibilidade em seus catálogos. A Netflix anunciou o programa “*Celebrating Disability with Dimension*”, para contar histórias sobre pessoas com deficiências em mais de 50 séries e filmes, para atender a lacuna apresentada no estudo “*Inclusion in Netflix Fictional Films & Scripted Series*⁶ (2018-2021)”.

O estudo mostra que no catálogo do serviço norte-americano, apenas 18 personagens tinham alguma deficiência, a maioria com deficiência física, seguido das deficiências sensoriais (auditivas, visuais e de fala) e cognitivas. Uma das deficiências sensoriais é a deficiência auditiva, que também é uma deficiência oculta, onde as pessoas surdas tornam essa deficiência aparente quando usam a língua de sinais, uma língua de modalidade gesto-visual que interfere nas decisões criativas, principalmente ligadas à dramaturgia e a encenação.

Uma característica marcante na teledramaturgia são os diálogos e a filmagem em closes, em campo e contracampo, os gestos, atitudes e a ação propriamente dita, que ajudam a contar a história e os conflitos dos personagens. De acordo com Pallottini (1998) a câmera também caracteriza o modo de narrar, pela forma de criar a imagem e no modo de usar os enquadramentos.

Nesse trabalho de caracterização de personagens e de um conjunto dramático-narrativo, a câmera é auxiliada pelo áudio, e ambos, juntos, chegam a julgar o personagem, dando-lhes foros de herói, vilão, ingênuo, vencedor, por meio de sua seleção expressiva (Pallottini, 1998, p.172).

⁴ Esse foi o primeiro ano em que este relatório monitorou dados sobre as pessoas com deficiência em Hollywood. UCLA - Entertainment e Media Research Initiative. Hollywood Diversity Report 2023 - Exclusivity in progress. Part 2: television. Disponível em: <<https://socialsciences.ucla.edu/wp-content/uploads/2023/11/UCLA-Hollywood-Diversity-Report-2023-Television-11-9-2023.pdf>>

⁵ With Accessible Movie Screenings, Netflix Pushes On Normalizing Entertainment Equality For All. Disponível: <<https://www.forbes.com/sites/stevenaquino/2022/08/10/with-accessible-movie-screenings-netflix-pushes-on-normalizing-entertainment-equality-for-all/>>

⁶ Annenberg Inclusion Initiative. Inclusion in Netflix Original U.S. Scripted Series & Films. Publicado em abril de 2023. Disponível em: <https://assets.ctfassets.net/4cd45et68cgf/1a7Y054FDJFXOp2fZ6BmnI/335a2f7e0d575f1d4308ffe9987bb856/Full_Report_Inclusion_in_Netflix_Film_Series_1.pdf>

No entanto, o diálogo com as pessoas que usam as línguas de sinais não corresponde a composição sonora da voz, mas através das mãos, da expressão corporal e facial, sendo essa uma forma específica de comunicação. As conversas ocorrem no espaço visual, onde as pessoas que interagem com essa língua precisam ficar frente a frente para que possam visualizar os sinais, não cortar a visualização das conversas por objetos ou obstáculos, garantir a iluminação, pois a falta de luz corresponde ao “silêncio”, dependendo do grau de surdez. É necessário também ter atenção na continuidade dos diálogos, para que quando mude os enquadramentos, os planos e ângulos de câmera, o personagem não esteja com uma expressão facial diferente do que estava sendo dito nos sinais, causando estranhamento.

Diante dessas características específicas, buscamos entender como as decisões autorais interferem na criação e impactam no estilo, principalmente de protagonistas surdos em séries ficcionais. Para investigar esses aspectos recorreremos ao pensamento de Bourdieu (2002), Baxandall (2006) e Bordwell (2008, 2013) sobre a autoria nas obras artísticas. Nessa perspectiva o autor é entendido como um agente histórico, atravessado por relações estruturadas e em um determinado espaço social.

Bourdieu (2002) observa as escolhas, as tomadas de posição em espaços de possibilidades da criação, as tensões, assimetrias de poder, disputas, e parcerias entre os agentes e gestores. Assim como Bourdieu (2002), Baxandall (2006) investiga o contexto de produção pela trajetória do autor, da cultura e da obra, examinando as diretrizes que revelam as causas e as intenções que orientam a produção.

Nesse sentido, Bordwell (2013, p.17) propõe uma análise semelhante a partir das escolhas estilísticas. “O estilo, minimamente, é a textura das imagens e dos sons do filme, o resultado de escolhas feitas pelo (s) cineastas (s) em circunstâncias históricas específicas”. Portanto, são examinadas as escolhas na montagem, trilha sonora, diálogos e movimentos de câmera, encenação por meio da iluminação, representação e ambientação, em uma rede complexa de agentes, recursos e técnicas que materializam suas soluções, assim como as obras também são um registro histórico temporal.

2. As mudanças de representações dos surdos, no cinema e nas séries de TV

As séries televisivas fazem parte da nossa sociedade, uma vez que a criação artística afeta e é afetada pelas discussões que circulam no debate público. Segundo

Esquenazi (2011, p.157) a atualidade dos temas sociais, políticos e econômicos são propriedades do consumo da televisão, “uma matéria-prima quase obrigatória”. Apesar destas produções serem comerciais, atravessadas por vários interesses, também são programas culturais, que transmitem valores e crenças relativos à compreensão de ideias e conceitos, que influenciam a nossa percepção social. Assim, as séries são um modo de apresentação de um universo ficcional, onde os personagens atribuem sentidos por meio de discursos, que podem servir como instrumentos de informação, mas também de desinformação, quando são baseados em concepções hegemônicas.

A representação de personagens surdos por muito tempo esteve associada às ideias e discursos hegemônicos sobre as deficiências, que legitimam as posições de determinados grupos sociais através de estereótipos. De acordo com Lacey (1998, p.139 - tradução nossa) “O que os estereótipos representam, no entanto, não são as crenças baseadas na realidade, mas nas ideias que refletem a distribuição de poder na sociedade; em outras palavras, os estereótipos não são uma expressão de valor, mas de ideologia”. Essas visões são aceitas como verdadeiras ou não, dependendo do conhecimento de um indivíduo sobre o grupo em questão.

A invisibilidade das pessoas com deficiência foi causada por vários fatores, principalmente pela ideia de patologia. Segundo Diniz (2007) esse entendimento era baseado no modelo médico, definido pela condição biológica e da funcionalidade de um corpo lesionado, que se referiam-se às anormalidades, à tragédia pessoal e à busca da cura. A partir dos anos 1960 foram desenvolvidos os princípios do modelo social e biopsicossocial, distinguindo a patologia e a deficiência pelas desigualdades e das opressões, que se manifestam em contextos sociais e ambientes pouco sensíveis à diversidade desses corpos.

O estigma da deficiência auditiva foi reproduzido pelo campo da saúde, por falhas nos diagnósticos, e pelo campo da educação, por métodos inadequados de ensino e aprendizagem, que impactaram negativamente na posição dos surdos no espaço social. No entanto, os Estudos Culturais trouxeram uma nova compreensão do fenômeno social da surdez, sob pontos de vista antropológicos e sociais, que contribuíram para questionar a norma e a anormalidade, para entender as práticas e as relações de poder.

Devido a dupla categorização, de pessoa com deficiência e de grupo socialmente minorizado, surgiram duas visões no campo da educação: a clínico-terapêutica e a

sócio-antropológica. A visão clínico-terapêutica entende que os surdos precisam de terapias da fala e sessões de oralização para torná-los semelhantes às pessoas ouvintes. Segundo Thoma (2002, p.78) esse mascaramento causado pela restrição da audição resultou no ensino de técnicas de leitura labial e no aprendizado da emissão vocal, em contraponto, a visão socioantropológica entende a surdez como um grupo socialmente minoritário, não apenas pelo fato de que não ouvem, mas por serem sujeitos que têm uma experiência de mundo que é visual e por aqueles que usam as línguas de sinais. O modelo médico é apresentado no filme *E Seu Nome é Jonas* (1979) que discutiu sobre as falhas no diagnóstico, antes entendida como uma deficiência intelectual, e as consequências geradas por esse erro.

Devido a esse processo de transformação no campo da educação, os primeiros filmes com personagens surdos apresentavam uma prática recorrente, quando os personagens ouvintes repetiam a fala dos personagens surdos, gerando um incômodo. Segundo Bubniak (2016) essa atitude é chamada de fonocentrismo que demonstra como a oralização é mais valorizada do que os sinais. *Filhos do Silêncio* (1986) discutiu sobre uso do bimodalismo⁷, uso simultâneo de fala e dos sinais que eram predominantes nos ensinamentos oralistas⁸, retratando a surdez como uma experiência negativa.

O reconhecimento dos direitos linguísticos das pessoas surdas, sobretudo com a Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência na ONU em 2007, construiu um caminho para concretizar as políticas linguísticas voltadas ao ensino bilíngue de pessoas surdas, a obrigatoriedade dos recursos de acessibilidade e a regulamentação da profissão de TILS - Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais, que possibilitaram a equidade e a difusão dessas línguas.

Essas discussões progrediram a partir da década de 2010 também nas obras audiovisuais, um dos marcos foi o filme ucraniano *A tribo* (2014) de Myroslav Slaboshpytskiy, o grande vencedor da 53ª Semana da Crítica no Festival de Cannes com três prêmios, totalmente interpretado por surdos e sem tradução em legendas,

⁷ O método da Comunicação Total perdurou entre os anos 1970 e 1980, com objetivo de integrar o surdo na sociedade ouvinte, acreditando que ele terá uma boa comunicação seja através da fala, sinais ou escrita. A Comunicação Total trabalha simultaneamente com a língua oral e a sinalizada, denominando essa forma comunicativa de bimodalismo. Após a Comunicação Total surgiu o bilinguismo nos anos 1990 defende que o surdo deve adquirir como sua primeira língua, a língua de sinais com a comunidade surda, que deve ser oferecida à criança surda o mais precocemente possível. A língua portuguesa é ensinada como segunda língua, na modalidade escrita e, quando possível, na modalidade oral.

⁸ O método oralista que defende que o ensino da língua oral, e a rejeição à língua de sinais, é a melhor forma de educar o aluno com surdez.

valorizando a língua de sinais como uma língua que não precisa de som para existir. Cruz (2022, p.156) atribui a essa mudança de abordagem quando língua de sinais foi apresentada para além do recurso narrativo, mas no desenvolvimento de novas formas poéticas e estéticas de representação.

Os filmes norte-americanos com personagens surdos passaram a ter maior relevância a partir de 2017, chegando a sequência de quase cinco anos consecutivos com premiações na crítica cinematográfica e no cinema comercial (Cruz, 2017, 2022). Os filmes *A forma da água*, vencedor do Oscar de 2018 como Melhor Filme; *Um lugar silencioso*, vencedor do *Critics' Choice Award* em 2019 por Melhor Filme de Ficção Científica/Terror; *O som do silêncio*, vencedor do Oscar de 2021 por Melhor Som e Melhor Montagem; *Eternos* (2021) foi a primeira produção da Marvel a ter uma personagem surda, e *CODA - No ritmo do coração*, vencedor do Oscar de 2022 como Melhor Filme, Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Ator Coadjuvante.

Um exemplo exitoso foi em *CODA - No ritmo do coração*⁹ que ganhou o Oscar de 2022, o filme teve a colaboração de Diretores de Linguagem Artística de Sinais (*DASL - Directors of Sign Language Arts*) que prestam consultoria linguística e artística. Anne Tomasetti e Alexandria Wailes reinterpretaram o roteiro do inglês para ASL facilitando a interação com os atores surdos. Esse é um *remake* de *A família Bélier* (2014), embora tenham propostas distintas, a primeira mais voltada para a comédia e a segunda para o drama, a principal diferença está na inclusão dos atores surdos e no tratamento dado a esses personagens.

3. Os personagens surdos em lugar de protagonismo nas séries televisivas

Para analisar o protagonismo de personagens surdos nos baseamos em estudos anteriores, onde identificamos 36 produções seriadas¹⁰ (Azevedo, 2023). Desse quantitativo, 25 são norte-americanas, três são brasileiras, três do Reino Unido, uma da Eslováquia e Canadá, uma dos Estados Unidos e Canadá, uma da Alemanha, uma da

⁹ CODA — What is a DASL? Apple TV+. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=htujtOKhT_I>

Making Of CODA - Behind The Scenes & Talk With Emilia Jones, Marlee Matlin, D. Durant & Troy Kotsur. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OZe25IEmNno>>

¹⁰ No artigo citado “A surdez no mainstream: reflexões sobre os conceitos de autoria e estilo em séries inclusivas e bilíngues” (Azevedo, 2023) foram identificadas 32 produções seriadas, ampliamos o levantamento para 36 produções com personagens surdos, que foram veiculados em emissoras de TV e serviços de streaming.

Espanha e uma do Japão. Contudo, em apenas três séries de ficção encontramos protagonistas surdas, em *Switched at Birth* (2011-2017), *Crisálida* (2019) e *Echo* (2024).

3.1 Switched at birth

Segundo a *Freeform*¹¹ *Switched at Birth* foi a primeira série norte-americana com a maioria de personagens surdos, em cinco temporadas totalizando 103 episódios. De acordo com a crítica de Emily Nussbaum¹² a série trazia os diálogos dos personagens surdos em ASL (*American Sign Language*), seguidos de legendas. Outras séries de sucesso como *The West Wing* e *The L Word*, incluíram atores surdos, mas faziam com que os personagens ouvintes traduzissem as falas, recorrendo ao fonocentrismo.

No episódio *This Is Not a Pipe*¹³, Bay Kennish descobre que seu tipo sanguíneo é incompatível com o dos seus pais Kathryn Kennish e John Kennish, por um equívoco que ocorreu no dia do seu nascimento, por isso as famílias levaram para casa os bebês errados. Dias depois, os Kennishs são apresentados à sua filha biológica Daphne e sua mãe Regina Vasquez. A cena do encontro das duas famílias mostra o choque dos Kennish ao não perceberem que Bay não tinha a cor do cabelo e dos olhos deles, que são loiros e olhos azuis assim como os de Daphne, e os de Bay são pretos como os de Regina. Os Kennishs ficam espantados ao ver que Daphne é surda, quando ela sinaliza em ASL no primeiro encontro.

Imagens 01 e 02: Cena do episódio 01 - This Is Not a Pipe da série Switched at Birth



¹¹ TCA: 'Switched at Birth' goes deeper into deaf culture. Disponível em: <https://www.sftoday.com/entertainment/television/gail-pennington/tca-switched-at-birth-goes-deeper-into-deaf-culture/article_d91c3105-de2a-5167-a313-f88074d19afa.html>

¹² Seen but Not Heard. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2012/09/24/seen-but-not-heard>>

¹³ O episódio estreou em 06 de junho de 2011 escrito por Lizzy Weiss e dirigido por Steve Mine.

Fonte: Prints da cena do episódio 01 da série Switched at Birth

As duas famílias passam a conviver juntas, enfrentando problemas na adaptação de suas novas realidades. Os Kennishs querem interferir na educação de Daphne, oferecendo a mudança para a escola de estudantes ouvintes e até sugerem uma cirurgia de implante coclear. Nesse sentido, a oposição entre as famílias é construída por características fenotípicas, de classes sociais e na forma de educar, onde os pais de Bay são mais permissivos do que Regina que é uma mãe solo, e em alguns momentos é rígida com Daphne.

3.2 Crisálida

Crisálida é a primeira série de ficção bilíngue, com diálogos em português e Libras (Língua Brasileira de Sinais) e com os recursos de acessibilidade de audiodescrição Legendas para Surdos e Ensurdidos - LSE e janela de Libras. A proposta surgiu em 2013, antes da Instrução Normativa N° 116 da Ancine em 2014, que tornou obrigatória a acessibilidade nas obras audiovisuais brasileiras independentes, financiadas com recursos públicos. A diretriz adotada pela roteirista Alessandra da Rosa Pinho e o diretor Serginho Melo foi trazer consultores surdos, o cineasta Germano Dutra Jr e João Gabriel Duarte Ferreira, em todas as etapas da pré-produção até a pós-produção, assim como todos os personagens surdos serem interpretados por atores surdos (mesmo com a maioria dos atores inexperientes).

No episódio “*Os surdos também amam*”¹⁴ Jaks e Morgana pedalavam na beira mar de Florianópolis, quando cruzaram seus olhares. Após esse encontro, Morgana é atropelada por uma moto que ultrapassa o sinal, Jaks socorre a garota, percebendo que ela é surda e fala em Libras. Em seguida ele procura um curso de Libras, dias depois encontra Morgana pedalando na beira mar, eles se aproximam e começam um relacionamento amoroso. Jaks convida Morgana para o primeiro encontro com seus pais, durante o jantar eles fazem comentários negativos sobre a deficiência auditiva e a ignoram nas conversas. Devido a essa situação ela termina o namoro, por sentir que pertencem a mundos diferentes.

¹⁴ Os episódios da primeira temporada foram escritos por Alessandra da Rosa Pinho e dirigidos por Serginho Melo, com duração de 30 minutos cada. A estreia da primeira temporada foi realizada em 26 de setembro de 2019 na TV Cultura. No ano seguinte foi para a Netflix e ficou no catálogo até maio de 2023.

Imagens 03, 04 e 05: Cena do episódio 01 - Os surdos também amam da série Crisálida.



Fonte: Prints da cena do episódio 01 da série Crisálida

Nos momentos iniciais percebemos a premissa da série, quando a moto ultrapassa o sinal e atropela Morgana, assim podemos associar que a exclusão não é um problema da pessoa com deficiência, mas de uma sociedade que não respeita as diferenças. Os traços fenotípicos também são marcadores entre os personagens, Jaks é negro e ouvinte e Morgana é amarela, de descendência asiática e surda. Na cena do jantar Jaks imediatamente reprova as atitudes que seus pais tiveram com Morgana, verbalizando sobre a sua experiência, que por ser negro e filho de um casal interracial não admite essa atitude de seus pais. Em um dos diálogos com Morgana, argumenta que também sofreu preconceito, criando uma empatia com a protagonista.

3.3 Echo

Echo é uma minissérie produzida pela *Marvel Studios* e exibida pelo Disney + e Hulu, comandada por Marion Dayre, com diálogos em inglês e ASL. Apesar de ter uma

grande equipe criativa, é uma produção com um dos menores orçamentos da Marvel, em torno de 40 milhões de dólares¹⁵.

Echo/Maya Lopez é a primeira anti-heroína¹⁶ surda, também tem uma deficiência física com a perna amputada e descendência indígena, assim como a atriz Alaqua Cox. Em entrevista¹⁷ Amy Rardin, uma das roteiristas titulares, declarou que a produção contratou vários profissionais surdos: dois roteiristas Josh Feldman e Shoshannah Stern, o consultor Doug Ridloff¹⁸ que acompanhou desde a seleção de elenco até a produção no set, e Toj Mora¹⁹ que foi contratado para edição com a perspectiva e o enquadramento para garantir a visualização dos diálogos em ASL.

Amy e Doug revisavam juntos os roteiros que seriam filmados no dia, assim ele poderia trabalhar os sinais específicos para esse universo ficcional com os atores. Todo o elenco e a equipe técnica fizeram aulas de ASL duas ou três vezes por semana virtualmente, além disso, um personal *trainer* surdo e os TILS mediarão a comunicação entre os atores surdos e ouvintes, principalmente nas cenas de luta, com a colaboração entre a sala de roteiristas, o diretor e a equipe de dublês nas filmagens.

O episódio Chafa²⁰ retrata a infância de Maya Lopez, através de *flashbacks* que nos ajudam a entender os acontecimentos e a situação atual da protagonista. Nos primeiros minutos Maya e sua prima Bonnie estão acampadas em uma barraca, usando as sombras e as mãos para sinalizar, elas conversam em ASL sobre a lenda do seu território, a Nação Choctaw em Oklahoma. Maya e sua mãe são surdas, por isso toda família aprendeu a ASL, naturalizando essa forma de comunicação. Após um grave acidente, sua mãe morre e Maya tem a perna amputada. Em vários momentos do episódio a deficiência física é ressaltada em planos detalhes e nas cenas de ação, assim

¹⁵Orçamento de Eco quebra recorde na Marvel Studios. Disponível em: <<https://disneyplusbrasil.com.br/orcamento-de-eco-quebra-recorde-na-marvel-studios/>>

¹⁶ A primeira heroína do MCU é Makkari, interpretada pela atriz surda Lauren Ridloff.

¹⁷ Inside the ‘Echo’ Writers Room: A Stunning Collaboration of Indigenous, Deaf, and Female Talent. Disponível: <<https://www.indiewire.com/features/interviews/echo-writers-room-tv-ma-marvel-disney-1234943145/>>

¹⁸ Doug foi consultor de ASL em filmes como “Um Lugar Silencioso - Parte I e II”, “Eternos”, “Saturday Night Live”, “Hawkeye” e “Only Murders in the Building”. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/in/douglas-ridloff-a01a9518/>>

¹⁹ Interview with Douglas Ridloff and Toj Mora on “Echo”. Disponível em: <<https://www.dailymoth.com/blog/interview-with-douglas-ridloff-and-toj-mora-on-echo>>

²⁰ O episódio foi escrito por Marion Dayre, Joshua Feldman, Steven Paul Judd e dirigido por Sydney Freeland, com duração de 49 minutos. O título simboliza a história do primeiro povo Choctaw, Chafa, que salvou esse povo de uma caverna em colapso, sendo essa uma referência aos antepassados de Maya.

como a surdez que demonstra como Maya tem uma percepção aguçada da visão e em alguns momentos consegue prever os golpes de seus adversários.

Imagens 06, 07, 08, 09, 10, 11 e 12: Cena do episódio 01 - Chafa da série Echo.



Fonte: Prints da cena do episódio 01 da série Echo

4. Considerações finais

As três séries analisadas narram as histórias dramáticas, desenvolvidas em linhas emocionais voltadas à convivência familiar, conflitos internos, a socialização entre

surdos e ouvintes, envolvendo os gêneros de comédia, romance e ação. As análises do primeiro episódio ilustraram questões sobre a aceitação das diferenças, que são vivenciadas pelos personagens ouvintes e não pelos surdos, onde a afirmação da surdez é ressaltado como uma característica marcante das protagonistas.

Essas situações estão contextualizadas na encenação de situações de socialização que são narradas pelo ponto de vista das protagonistas, adentrando também em aspectos da linguagem audiovisual. Podemos notar que as escolhas estilísticas ressaltam os contrastes entre os mundos que os personagens e as protagonistas interagem, através das características físicas, dos ambientes, e da autonomia de suas ações que desenvolvem a trama narrativamente, sugerindo novas discussões sobre a surdez.

Adentramos também nas discussões sobre a gestão criativa e empresarial, destacando como essas relações afetam o estilo, tendo em vista as diferenças entre esses três sistemas de produção e nas formas de desenvolvimento dos personagens, com a colaboração de tradutores e profissionais surdos nas funções de roteiristas, consultores e editores. *Switched at Birth* tem um perfil de produção de uma empresa de mídia tradicional, a *Freeform* introduziu a série na grade de programação durante cinco anos, com maior quantidade de episódios, priorizando apenas a contratação de atores surdos.

Em *Echo* temos o formato de minissérie, onde encontramos mais profissionais surdos do que atores, com apenas Alaqua Cox como atriz surda. Os surdos participaram das áreas criativas no alto escalão da equipe, assim podemos inferir que o interesse desta obra é explorar formas criativas da protagonista, que tem três características marcantes: a surdez, a deficiência física e a descendência indígena. A série *Crisálida* estabeleceu uma colaboração entre as empresas Raça Livre, Arapy e TVi - Televisão e Cinema, que agregaram às suas competências para construir um produto acessível, apresentando uma proposta inovadora não somente na narrativa, mas também nos aspectos estilísticos e nos recursos de acessibilidade, possibilitando a fruição da obra para todas as pessoas.

5. Referências

AZEVEDO, A. **A surdez no mainstream: reflexões sobre os conceitos de autoria e estilo em séries inclusivas e bilíngues.** In: LEMOS, L. P. ROCHA, L. L. F. Ficção seriada : estudos e pesquisas. Vol 6. EDUFMA, 2023.

-
- BAXANDALL, M. **Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BORDWELL, D. **Figuras traçadas na luz: A encenação no cinema**. São Paulo: Papyrus, 2008.
- BORDWELL, D. **Sobre a história do estilo cinematográfico**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- BOURDIEU, P. **As Regras da Arte**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- BUBNIAK, F. P. **Cinema surdo: uma poética pós-fonocêntrica**. Palhoça - SC: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2016. Dissertação de Mestrado.
- CRUZ, T. M. **A língua de sinais e o efeito de silêncio em três filmes: The Tribe, Um Lugar Silencioso e A Forma da Água**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2022.
- ESQUENAZI, J. P. **As séries televisivas**. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.
- LACEY, N. **Image and Representation: Key Concepts in Media Studies**. Palgrave Macmillan, 1998.
- LANNA JÚNIOR, M. C. M. **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. - Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. Disponível: <<https://tinyurl.com/2s4cv92z>>
- LOPES, M. B. RODRIGUES, J. A. **Inclusão e Acessibilidade no Cinema para Surdos: proposta de Festival de Cinema Surdo Português**. Avança Cinema International Conference, 2020. DINIZ, D. O que é deficiência? São Paulo: Brasiliense, 2007.
- PALLOTTINI, R. **Dramaturgia da televisão**. São Paulo: Moderna, 1998.
- THOMA, A. S. **O cinema e a flutuação das representações surdas : "Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva**. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2002.